BF | BLOG DA FEIRA

André Pomponet
SEGUNDA-FEIRA, 17 FEVEREIRO 2020 / PUBLICADO EM COLUNISTAS, DESTAQUES

George Américo e a ocupação do antigo campo de aviação

*por André Pomponet**

Provavelmente nenhum bairro de Feira de Santana nasceu como o conjunto George Américo: cercado de polêmicas, disputas judiciais e alvo da atenção até da imprensa nacional.

O começo de tudo tem data precisa: madrugada de 28 de novembro de 1987, quando cerca de cinco mil pessoas – a estimativa é da imprensa, à época – ocuparam o antigo aeroporto da cidade que os mais antigos denominavam “campo de aviação”, contíguo ao bairro Campo Limpo. À frente do grupo estava o intrépido líder dos sem-teto, George Américo Mascarenhas, então com 26 anos, conhecido como “rei das invasões”.

O Jornal do Brasil – diário carioca que foi o principal jornal impresso do País durante muito tempo – registrou, na edição de 5 de dezembro daquele ano, que o terreno “*foi ocupado numa ação programada pelos sem-teto, em que não faltaram o hasteamento da Bandeira do Brasil e o canto do Hino Nacional”.*

A publicação também registrou o cenário inicial daquilo que lembrava muito um acampamento ou um campo de refugiados: “*Muitas famílias já estão morando em toscos barracos improvisados, feitos à base de lona, plásticos e restos de materiais de construção. Outros invasores apenas demarcaram os lotes*”.

Quem não gostou daquela ocupação – a 21ª liderada por George Américo, conforme contabilidade dele próprio – foi o então prefeito José Falcão da Silva, do PDS, que ameaçou*: “É melhor que eles saiam através da Justiça que pela força da polícia”.*

A primeira providência do então prefeito foi requisitar a reintegração de posse à Justiça.

A segunda foi anunciar um recadastramento das famílias, que seriam contempladas no ano seguinte com moradias baratas em um plano de habitação popular, o Planolar.

Ironicamente, muitos ocupantes tinham cadastro anterior na iniciativa, mas nunca foram atendidos.

Protesto – Dias depois da ocupação, um protesto defronte à prefeitura reuniu mil manifestantes, sob a batuta de George Américo, que anunciava resistência: os sem-teto só sairiam do terreno "*se for diretamente para o cemitério*". A manifestação paralisou o centro da cidade.

Àquela altura, a Justiça já havia concedido a reintegração de posse à prefeitura. Foi o que noticiou o JB em 15 de dezembro de 1987.

Veio, então, o fato inusitado: a Polícia Militar não cumpriu a determinação judicial de reintegração, o que deixou o então prefeito José Falcão indignado, queixando-se da insubordinação do comandante local da PM: "*Nunca vi uma coisa dessas",* disse e o Jornal do Brasil de 18 de dezembro registrou.

Waldir Pires, governador da Bahia à época, alegou para o presidente do Tribunal de Justiça que a desocupação implicava em "problemas sociais graves, porque a ocupação é muito grande".

Até aquele momento, parecia que a reintegração era questão de tempo: bastava à Polícia Militar definir a melhor estratégia para remover os ocupantes.

A tensão crescia com a expectativa da desocupação forçada do antigo campo de aviação. Dias depois, antecipando-se a possíveis distúrbios, o governador Waldir Pires determinou a desapropriação da área e a incluiu no programa Minha Casa.

A medida representou uma vitória dos sem-teto, no geral, e de seu líder inequívoco – George Américo – no particular.

Prisão e morte – Aquele tenso dezembro de 1987, no entanto, ainda reservaria algumas surpresas. Uma ordem de prisão foi expedida contra George Américo e ele acabou preso, conforme matéria do Jornal do Brasil do dia 24, véspera de Natal: "Foi preso ontem e levado para o Departamento de Polícia do Interior (Depin), em Salvador, 'para evitar comoção social, ajuntamento os protestos' dos favelados".

A prisão aconteceu na casa da sogra dele, no bairro Jardim Cruzeiro, quando estava em companhia da mulher e das duas filhas. A ordem de prisão foi expedida sete dias antes e a juíza responsável pelo caso chegou a acusar a polícia de fazer “corpo mole” para prender a respeitada liderança.

Na mesma matéria, há uma declaração premonitória de George Américo, logo depois da sua prisão: “*Só paro quando me matarem ou quando não existirem mais famílias sem teto*”. Seguiu com um discurso candente: “*Ninguém ajuda o povo carente, que precisa de uma pessoa esclarecida para defender seu direito de morar. O povo produz tudo e não tem nada. Os poderes públicos só fazem alguma coisa quando acontecem as ocupações. Aí sim, a solução aparece”.*

George Américo era dado como vereador eleito no pleito que se aproximava, de 1988. Alguns já previam uma votação consagradora, pois se tornara liderança indiscutível.

A morte – nunca esclarecida pela polícia – interrompeu a trajetória de maneira trágica.

Seu cadáver foi encontrado no dia 5 de maio de 1988, às margens do rio Jacuípe, com dois tiros de escopeta.

Uma multidão acompanhou o sepultamento no Cemitério São Jorge. A precária invasão inicial se converteu em conjunto, que ganhou o nome do seu principal líder. Hoje, é uma das principais comunidades da maltratada periferia feirense.

Mesmo morto tão precocemente, George Américo tornou-se uma das principais lideranças comunitárias da História da Feira de Santana.

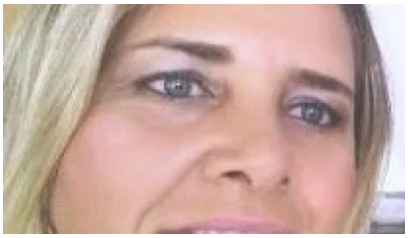
André Pomponet é jornalista

Compartilhar:

Facebook Twitter WhatsApp Telegram

Relacionado

Deputada pede providências para base comunitária do George Américo



Assembleia de Deus reúne líderes no George Américo em Feira
Cerca de 200 líderes e pastores na Bahia ligados à Assembleia de Deus Ministério de Santo

Deputada pede providências para base comunitária do George Américo
17/07/2013

Colbert nomeia viúva de George Américo, Norma Suely, em cargo no Centro de Abastecimento
26/09/2019

Amaro (SP) estão reunidos a partir de hoje no templo do
12/10/2013

BF | BLOGDA.feira.br

© 2020 Janio Costa Rego Comunicações - Todos os direitos reservados